

FORÇA NAVAL DO NORDESTE

João Victor Goulart *

Alocução alusiva ao 82º Aniversário de Criação da Força Naval do Nordeste, proferida na Sede da Esquadra, em 25 de outubro de 2024.

Quando Adolf Hitler invadiu a Polônia, ninguém no Brasil poderia imaginar que, em tão pouco tempo, nosso país estaria imbricado ao maior conflito da história da humanidade. Mas enquanto a Alemanha rapidamente avançava na Europa Ocidental, a *Royal Navy*, já em dezembro de 1939, afundava o encouraçado alemão Graf Spee, na foz do Rio da Prata. Talvez tenha sido o primeiro indício de que essa guerra não se encerraria no “velho mundo”. As tensões efetivamente nos envolveram quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, em dezembro de 1941: os Estados Unidos declaravam guerra contra os países do Eixo e o Brasil se posicionava ao lado de seus vizinhos do norte e dos Aliados, rompendo relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão em 1942.

A partir de então, desde julho de 1942, os submarinos alemães e italianos operaram contra navios mercantes brasileiros. Depois de 15 de agosto desse mesmo ano, e em apenas cinco dias, um único submarino inimigo afundou seis navios brasileiros dedicados às linhas de cabotagem, vitimando mais de seiscentas pessoas. As notícias da ofensiva alemã impactaram o povo brasileiro, reverberando pelas manchetes dos jornais e por manifestações de rua nas maiores capitais do País, todas clamando pela guerra. A violência dos ataques de agosto levou à declaração de Estado de

Beligerância com a Alemanha em 22 daquele mês e, finalmente, ao Estado de Guerra contra o Eixo no último dia de agosto. Era necessário defender a liberdade, o território e as famílias brasileiras. Em suma, remodelar os sonhos diante de uma ameaça que devia ser neutralizada.

O desafio era imenso. No início dos confrontos, muitos de nossos meios navais eram aqueles recebidos por ocasião do Programa de Reaparelhamento Naval que resultou na “Esquadra de 1910”. Contávamos com uma Força Naval com baixa modernização tecnológica e com dimensões limitadas em face da extensão do nosso litoral. Além disso, não estávamos preparados para a guerra antissubmarina, já que não possuíamos sensores adequados, nem o adestramento próprio para esse tipo de combate. Nossa doutrina antissubmarino era baseada ainda nas operações militares que se desenrolaram na 1ª Guerra Mundial e, assim, desatualizadas em relação ao que se passava, desde 1939, nas águas do Atlântico Norte e Mediterrâneo.

Esses desafios não intimidaram nossos marinheiros. A primeira ação de resposta, logo bastante eficaz, foi a organização dos comboios nos portos nacionais, prática já comum no Atlântico Norte. Os comboios que partiam e chegavam aos portos brasileiros eram escoltados por navios da Marinha do Brasil e da *US Navy*.

Nesse contexto, criada pelo Aviso nº 1.661, de 5 de outubro de 1942, a Força Naval do Nordeste foi parte de um rápido e intenso processo de reorganização das nossas Forças Navais para se adequar à situação de conflito. Sob o comando do Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, a recém-criada Força foi inicialmente composta pelos Cruzadores “Bahia” e “Rio Grande do Sul”, Corvetas “Carioca”, “Caravelas”, “Camaquã” e “Cabedelo” e os Caça-Submarinos “Guaporé” e “Gurupi”. A ela seriam acrescidos o Tênder “Belmonte”, caça-submarinos, contratorpedeiros-de-escolta, contratorpedeiros classe “Marcílio Dias” e submarinos, constituindo finalmente a Força-Tarefa 46 do Comando do Atlântico Sul, colocada sob o comando operacional da 4ª Esquadra da *US Navy*.

Para apoiar a Força, as organizações militares do Nordeste brasileiro precisaram se expandir.

Assim, foi criado o Comando Naval do Nordeste, origem do Comando do 3º Distrito Naval; a Base Naval de Natal, o Hospital Naval de Natal e a 3ª Companhia Regional de Fuzileiros Navais de Natal, depois Grupamento de Fuzileiros Navais de Natal. Empenhou-se, para diligenciar tudo isso, o Almirante Ary Parreiras, designado para Chefe da Comissão de Instalação da Base Naval de Natal.

Uma das missões da Marinha mais honrosas durante a guerra foi escoltar os navios que transportaram para os campos de batalha europeus a Força Expedicionária Brasileira, a FEB. O primeiro escalão da FEB foi escoltado pelos Contratorpedeiros “Mariz e Barros”, “Marcílio Dias” e “Greenhalgh”, até ao largo de Recife, quando foram rendidos por unidades norte-americanas, que escoltaram o transporte da tropa de compatriotas até Gibraltar.

A Força Naval concluiu sua missão em 7 de novembro de 1945, ao regressar ao Rio de Janeiro. Sua eficácia contribuiu sobremaneira para a livre circulação nas linhas de comunicação do Atlântico Sul, agregando valiosa capacidade logística ao esforço geral de guerra aliado. A Força navegou mais de seiscentas mil milhas marítimas e escoltou 3.164 navios mercantes nacionais e estrangeiros, em mais de 250 comboios de ida e volta. O volume transportado em segurança foi de mais de dez milhões de toneladas de suprimentos para os Aliados.

O ganho operacional e material proveniente da participação na guerra – embora muito significativo – parece ínfimo, quando lembramos que aqueles anos de combate nos custaram muitas vidas. As perdas brasileiras na guerra no mar somaram mais de trinta navios mercantes com um total de 982 mortos. Além disso, três navios de guerra brasileiros foram a pique em consequência das fatigantes operações no mar: a Marinha do Brasil perdeu 492 dos seus homens.

Ao término da guerra, a Marinha do Brasil dispunha de maior capacidade para controlar áreas marítimas e, sem dúvida, de maior poder dissuasório. Além disso, pode-se afirmar que houve uma mudança de mentalidade operacional na Força, com a assimilação de novas táticas de combate, bem como a incorporação de meios modernos.



Por ter participado de ações de guerra, a Marinha adquiriu a experiência do combate, essencial para forjar as futuras gerações de homens do mar, familiarizando-os com a vida exigente da guerra antissubmarino.

A guerra também oferecia outra percepção: a de que a logística ocupa um lugar fundamental na manutenção de uma força combatente. Disso resultou a edificação e organização de bases, estações navais e outros pontos de apoio logístico no nosso litoral.

Em termos estratégicos, comprovou-se mais uma vez que o Brasil é ator relevante no cenário internacional e sua posição geoestratégica incide sobre as possibilidades de manutenção das indispensáveis linhas de comunicação marítimas no Atlântico. Ocorreu assim em 1917, durante a 1ª Guerra; repetiu-se em 1942.

Em que pese tantas lições aprendidas, o maior legado da guerra não se resume aos aspectos operacionais, táticos ou mesmo estratégicos. Alguns



desses aspectos podem se circunscrever em determinados contextos históricos e, assim, podem ser variáveis no tempo. Mas há, ao reverso, um legado que é imutável e que diz respeito aos homens e ao exemplo que gravaram na História. Trata-se do espírito de sacrifício daqueles que deixaram seus lares, sob o risco de suas próprias vidas, em defesa da Pátria! Mesmo sem as condições adequadas ao combate antissubmarino, não fugiram de seu juramento e se engajaram com coragem e abnegação! Sua conduta em face das adversidades é o espelho para que os jovens construam um futuro de prosperidade para a Marinha e para o Brasil!

A memória nos une e o passado nos honra!

Tudo pela Pátria! Viva a Marinha! Viva o Brasil! ■

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Armando de Senna (org.). *Introdução à História Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 2006.

CASTRO, Pierre Paulo da Cunha. "A Marinha na Segunda Guerra Mundial", in BARBOSA JÚNIOR, Ilques & ABREU, Guilherme Mattos de (orgs.). *Marinha do Brasil: Síntese Histórica*. Rio de Janeiro: SDM: 2018.

CESAR, William Carmo. *Uma História das Guerras Navais. O desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da; MARTINS, Hélio Leôncio. "Participação da Marinha Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Técnicas e táticas Antissubmarino – Organização dos comboios", in GAMA, Arthur Oscar Saldanha da; MARTINS, Hélio Leôncio (orgs.). *História Naval Brasileira*. Vol. V; T. II. Rio de Janeiro: SDGM, 1985, p. 330-434.

TEMPONE, Vitor. "A Batalha do Atlântico e o Brasil na Segunda Guerra Mundial", in *Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*, Rio de Janeiro, SDM, Vol. 9, n° 18, 2014, p. 80-102.

* Aspirante da Escola Naval